

Os signos, a química e o caos: notas para um materialismo semiótico ou uma semiótica materialista¹

Tiago Segabinazzi²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Resumo

O artigo apresenta e examina as potencialidades de uma perspectiva teórico-metodológica provisoriamente chamada de materialismo semiótico ou de semiótica materialista. A dúvida entre os termos aponta divergências acadêmicas e sociopolíticas mantidas ao longo do tempo entre correntes de pensamento e de ação. A partir do argumento de que a percepção é condicionada materialmente por sua constituição bioneuroquímica, é possível discutir determinismo e efeitos, conceitos que já tiveram considerável presença ao longo da pesquisa comunicacional.

Palavras-chave: semiótica; materialismo; neuroquímica; determinismo; comunicação.

Introdução

O objetivo deste texto é examinar uma perspectiva, recém experimentada no curso de uma pesquisa de doutorado em andamento³, que é provisoriamente chamada de *materialismo semiótico* ou de *semiótica materialista*: como a neuroquímica (condição material) contribui na construção de sentido. Os termos servem a propósitos diversos.

Quando inverteu a dialética hegeliana, que estaria de cabeça para baixo, Marx (2008, p. 44) argumentou que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. Dali vem a conhecida tese do materialismo histórico de que a infraestrutura determina a superestrutura, ou seja, são as condições materiais que determinam a ideologia, a consciência e, de forma ampla, o modo como pensamos.

A tese materialista clássica foi fundamental para as ciências sociais problematizarem a noção de sujeito e de agência, ao questionar de onde vêm as ideias que acreditamos serem nossas. Porém, seu rigor determinista, que tanto serviu aos propósitos revolucionários, foi o principal alvo das críticas de correntes de pensamento divergentes e mesmo de teóricos marxistas posteriores, como Gramsci, Adorno e Althusser.

¹ Trabalho apresentado no GP Semióticas da Comunicação), do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. E-mail: tiagosegab@gmail.com

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Possivelmente o paradigma materialista que mais especificamente traduziu essa problemática para o campo comunicacional esteja nas considerações de McLuhan (2014), que posicionou a problemática das determinações materiais no *medium* e o conteúdo da consciência na *mensagem*.

Ainda que tenha aparecido sob outros termos, como “discurso”, “estrutura” ou “poder”, a ênfase sobre o quanto seríamos constituídos por arranjos externos motivou também argumentos contrários, como os pós-estruturalistas e existencialistas, que buscaram apontar linhas de fuga (Deleuze & Guattari), processos de subjetivação (Foucault) ou o que podemos fazer com o que fizeram conosco (Sartre).

Histórica e gradativamente, a prevalência que se acreditava terem os emissores sobre os destinatários no processo comunicacional vinha sendo revista⁴: assim como a recepção talvez não fosse exatamente uma massa amorfa indefesa diante da mensagem dos grandes conglomerados midiáticos na sociedade de massas, talvez o meio também não determinasse a mensagem.

As críticas que McLuhan amargou decorriam tanto dos ajustes teóricos que fazia o campo comunicacional, ao reconsiderar o papel da recepção, quanto vinham na esteira de uma tendência ampla da humanidade, que enfatizava o que fazíamos com a mensagem, como resistíamos, resignificávamos, criticávamos... A grosso modo, a ênfase medial de McLuhan foi considerada determinismo tecnológico.

Esse breve caminho descrito, entretanto, não é uma evolução linear, cumulativa ou sem embates e divergências. Assim como as pesquisas sobre plataforma vêm trazendo luz ao protagonismo técnico na comunicação contemporânea, segue presente uma disputa política e epistemológica sobre qual é o conjunto teórico-metodológico mais adequado a ser utilizado por quem quer lutar por um mundo melhor: a *práxis* deve transformar o mundo que vemos ou devemos subverter as formas de ver o mundo para que a revolução venha a reboque?

É nesse interstício que um materialismo semiótico ou uma semiótica materialista pode contribuir. Sem apontar como causa originária o idealismo ou o materialismo, mas localizando o problema no *entre*, na *relação*, e considerando que as formas de ver o mundo são elas mesmas condições materiais, provocamos: ao convocar a química a entrar na equação não seria possível termos uma síntese de pensamento?

⁴ Parte dessa discussão foi feita em Segabinazzi (2025a).

Vislumbramos uma perspectiva semiótica que se pergunta como estados bioneuroquímicos – materiais – de nosso cérebro proporcionam estados de espírito ou humores – condições – que contribuem às percepções e aos sentidos decorrentes desse agenciamento.

Benjamin disse, certa vez, que a primeira experiência que a criança tem do mundo não é a de que ‘os adultos são mais fortes, mas sua incapacidade de magia’. A afirmação, proferida sob o efeito de uma dose de vinte miligramas de mescalina, não é, por isso, menos exata (Agamben, 2007, p. 24).

Deleuze & Guattari (1997) dizem que o sentido emerge de um caos primordial pré-significante: com seus bilhões de neurônios fazendo suas centenas de sinapses a cada segundo, por meio de impulsos elétricos, estimulados por hormônios variáveis e mergulhado em um molho de neurotransmissores oscilantes, não seria nosso cérebro um cosmos em constante caos, do qual as percepções emergem como *big-bangs* para explicar sua própria origem?

Antes de mais nada, é preciso fazer duas alterações conceituais específicas, motivadas pelas discussões travadas na pesquisa comunicacional, que podem ter implicações metodológicas amplas: substituir “determinação” e “ideologia” por “condicionamento” e “construção de sentido”, respectivamente.

O termo “classe” também será evitado, não por capricho, mas por necessidades: 1) para que não se torne um adjetivo vazio, com o qual poucos se identificam e por esse motivo algo ser pouco útil; 2) para que seja mantida um pouco de sua dignidade, como aquela roupa especial que esperamos a ocasião oportuna para vestir; 3) porque para fazer uso adequado desse conceito intrinsecamente coletivo é preciso antes recriar seu objeto, resgatá-lo do cativado individualista que empreendeu para si e onde atualmente se encontra como seu próprio padrão.

Corpo e sentido

Nas sociedades modernas, a alma instala-se primeiro como um implante vivo na carne, e, em seguida, à medida que cresce, é esculpida como um bonsai, através de treinamento e castigo repetitivos, invocações linguísticas e rituais institucionais, que visam reduzi-la a uma determinada identidade. Algumas almas desdobram-se mais que outras, mas não há almas no jardim dos vivos que não sejam efeito de implante e poda (Preciado, 2023, p. 13).

Não foi pouco o quanto a filosofia menosprezou o que vem do corpo, sob a justificativa de que na busca pelo conhecimento o importante estaria no espírito, nas ideias. O que parece não seria digno de confiança: se o corpo não é eterno, como seriam as ideias verdadeiras, ele só pode oferecer aparências passageiras, não essências imutáveis (Machado, 1999). Semelhante à separação entre corpo e alma, a dualidade entre mente e corpo entende que as paixões contaminam o pensamento e afastam a razão.

Essa imagem do pensamento⁵ penetrou tanto no conhecimento formal quanto no senso comum: acreditamos que raciocinar é se comportar como uma calculadora, que fornece resultados independentemente da temperatura e da umidade ao seu redor, das guerras no horizonte, da revolta acumulada, da fome, do tédio, do medo.

Entretanto, há também uma tradição filosófica que discorda frontalmente desses pressupostos. Nietzsche (2011) entende que a consciência é a parte mais ínfima de nosso pensamento, pois este é um sintoma e o resultado da saúde de nosso corpo. Deleuze (2001) desenvolverá esse ponto sob o argumento de que é o corpo que se apodera da realidade conforme a correlação de forças que se apoderam desse corpo.

Apesar de nossa memória, de nossos registros externos e das relações sociais constantemente orientarem “quem somos”, há mais oscilações em nosso corpo do que nossa vã identidade poderia supor. A estabilidade de nosso eu treme em momentos de embriaguez, em uma explosão de raiva, no período menstrual, no êxtase maníaco da bipolaridade, no desespero agudo de uma depressão longa.

Se conseguíssemos observar profundamente a nós mesmos, até em situações de menor intensidade do que essas poderíamos nos surpreender com o rumo que nosso desejo aponta, com as coisas em que pensamos, com a forma com que vemos o mundo – se houver possibilidade de que uma visão de mundo se estabeleça a partir de nossos pequenos acontecimentos, potencialmente desestabilizantes de crenças e hábitos.

A percepção da realidade se altera conforme a condição corpórea, sua constituição material, mas a crença em nossa identidade, os hábitos de nosso cotidiano, o cumprimento de projetos que assumimos e as expectativas alheias ajudam a manter a estabilidade que acreditamos ter e também conserva a estabilidade da percepção do mundo.

A neurociência vem investigando empiricamente a relação entre corpo e cérebro exatamente dessa forma: como uma relação. De acordo com Damásio (2022, p. 12), entre

⁵ Em *Diferença e repetição*, Deleuze (2018) critica o que chama de “imagem dogmática do pensamento” – pressupostos pouco questionados que dominam a história da filosofia ocidental.

o sentimento e o raciocínio existe uma distinção profunda, mas não uma oposição: “os sentimentos não são percepções convencionais do corpo, e sim híbridos, a vontade tanto no corpo como no cérebro”.

O que o sistema nervoso traz para o casamento com o corpo é a possibilidade de tornar o conhecimento explícito, construindo os padrões espaciais que, como esclareceremos adiante, constituem imagens. O sistema nervoso também ajuda a gravar na memória o conhecimento representado em imagens e abre caminho para o tipo de manipulação de imagens que possibilita a reflexão, o planejamento, o raciocínio e, por fim, a geração de símbolos e a criação de novas respostas, artefatos e ideias (Damásio, 2022, p. 22-23).

Para Damásio (2022, p. 26), ao invés de compartimentos separados, há estágios evolucionários na história dos organismos que se relacionam: “Um primeiro estágio é caracterizado pelo ser; o segundo é dominado pelo sentir; e o terceiro é definido pelo saber no sentido geral do termo”. Curiosamente ou não, esses estágios coincidem com as categorias fenomenológicas de Peirce (1994).

Nos anos setenta, Sacks (2004, p. 19) apresentou o caso emblemático do paciente Dr. P., que sofria de agnosia visual: apesar da visão funcionar adequadamente, seu cérebro não conseguiu processar informações visuais, por isso, em determinado momento da consulta, ele “estendeu a mão e agarrou a cabeça de sua mulher, tentou erguê-la e tirá-la para pôr em sua cabeça. Parecia que ele tinha confundido sua mulher com um chapéu! Ela olhava como se estivesse acostumada com coisas assim”.

Com esse exemplo poderíamos fundamentar de forma simples o argumento da condição material de percepção, mas há duas questões a levantar. A primeira é que o distúrbio de Dr. P. lhe ocorreu após considerável tempo de vida, mais do que o suficiente para que essa condição fosse percebida como diferente em relação a outra, anterior, que lhe agenciou uma percepção de realidade sobre a qual sua vida se construiu.

Em *Kant e o ornitorrinco*, Eco (1998, p. 53) nos explica que há algo como uma maquinaria perceptiva proveniente da biologia de cada ser, que constitui sua própria forma de ser e de perceber – porém, no ser humano há algo de distinto que o torna inquieto:

O ser nos opõe o ‘não’ da mesma maneira em que lhe opomos uma tartaruga à qual pedimos para voar. Não é que a tartaruga perceba que não pode voar. É o pássaro que voa, por natureza própria sabe voar, e não admite que não possa voar.

A tartaruga segue o seu caminho terrestre, positivo, e não conhece a condição de não ser tartaruga.

Somos nós, diz Eco (1998), que pedimos para que as coisas sejam aquilo que não são. Quando elas continuam a ser o que são, pensamos que nos respondem com um “não”. Nós é que pensamos que um joelho pode desenhar um ângulo de 360 graus: a perna, por aquilo que sabe, não sente limites, somente possibilidades.

Apesar de abordar o caso de Dr. P., Eco não especula sobre um cenário em que aquela específica condição material proveniente do distúrbio que sofreu fosse uma condição de percepção com que tivesse nascido: ele questionaria sua própria condição como um “não” que lhe foi imposto?

É precisamente dessa insatisfação do ser humano com aquilo que considera um “não” que vem a segunda questão. O caso de Dr. P. se trata de um distúrbio neurológico que ele provavelmente não escolheu ter, um “não”. Mas e se pensarmos nos fármacos que nos dizem “sim” e nos acenam condições de percepção variadas a partir dos agenciamentos bioneuroquímicos que estão a uma consulta paga de distância?

Ciborgues neuroquímicos

A presença dos fármacos na vida contemporânea é tamanha a ponto de relacionamentos já não levarem tão em conta combinações e afinidades astrológicas diante da necessidade de encontrar compatibilidades neuropatológicas e afinidades por agenciamentos químicos, decorrentes ou não de tratamento. Devido à intimidade com o uso de substâncias psicoativas, a indústria cultural já há algum tempo possui um certo conhecimento empírico sobre essa realidade: surgiu dali o *slogan* “o primeiro passo para o sucesso de uma banda de rock é todos os integrantes usarem o mesmo tipo de droga”.

Se pudermos aceitar que nossa percepção é baseada na condição material de nosso corpo, o próximo passo é pensarmos na constituição alterável de nosso corpo, “tão vasto, sutil e maleável quanto a alma”, diz Preciado (2023). A partir da compreensão das novidades e dos avanços neurotecnológicos disponíveis, das possibilidades de customização de nossas vidas e da modelagem da imagem neurocientífica do ser humano, Høeg (2024, p. 2) diz que emerge o “neuroexistencialismo”:

Questões filosóficas e científicas complexas sobre o que constitui estados de consciência bons ou desejáveis, a conexão entre consciência e valor moral e

preocupações com a privacidade da consciência tornam-se cada vez mais prementes. Algumas das intuições e crenças fundamentais mais comuns sobre o que significa ser humano, como devemos viver nossas vidas, tratar outras pessoas e outros seres sencientes e estruturar nossas sociedades estão sendo questionadas e remodeladas.

Devido ao espaço disponível, será necessário acelerar o texto. A paisagem neurobioquímica – que se ainda não apresenta desenhos identificáveis, ao menos dispõe de várias nuvens informes – pode ser interessante para a pesquisa em comunicação. Na pesquisa de doutorado em desenvolvimento, apontamos como humores coletivos podem suscitar signos que melhor se encaixem à atmosfera desejante criada⁶. Humores podem ser estimulados: seria essa a nova agulha hipodérmica, uma injeção sem conteúdo em que o que importa é somente a picada?

Provocar emoções também é função dos signos, pois ao predispor emotivamente determinada condição interpretativa, eles estimulam a algo, de acordo com Eco (1971, p. 190): “um estímulo é um complexo de acontecimentos sensórios que provocam determinada resposta”. Estímulos pré-significantes são criados com base em convenções para produzir certos efeitos esperados. A resposta pode ser imediata ou mediata. Para Sodré (2021), nossa época é altamente sensorial, em que impera uma “democracia das emoções, “mais plebiscitária do que argumentativa”, por isso, impulsos neuromusculares são capazes de levar pessoas a manifestações.

Poderíamos, ainda, para provocar um pouco mais o debate, pensar nas indústrias farmacêuticas como conglomerados de mídia, mais ou menos um equivalente químico das plataformas digitais, já que seus neurotransmissores funcionam como algoritmos: com efeitos perceptíveis que não sabemos como ocorrem ou o que mais ocorre além da *soma* que aparece diante de nós, quando cuspidada pela caixa-preta em que foi gestada?

Sinapses e semioses finais

Um materialismo semiótico ou uma semiótica materialista, ao integrar a neurobioquímica como condição corporal, pode oferecer uma lente para analisar como sentidos emergem de condições pré-significantes, mas materialmente estimuláveis.

⁶ Em Segabinazzi (2025b), argumentamos sobre como, durante as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024, a atmosfera afetiva contribuiu para a crença em notícias falsas e para a adoção da frase “o povo pelo povo” como síntese daquele acontecimento.

Entretanto, é preciso manter atenção aos termos sugeridos no início desse texto para evitar determinismos que reduziriam a problemática a relações causais.

Para Massimo Leone (2017), as relações necessárias que encontramos no mundo físico (como um coração sofrendo de desritmia que reage à injeção de epinefrina) não são processos semióticos: lhes faltaria indeterminação, marca da semiose. Ao contrário da semiótica e das demais humanidades, que são ciências da liberdade, a química é uma ciência da necessidade. Entretanto, ao fazer uso deliberado de determinados protocolos considerados adequados diante de uma situação (optar por uma injeção ao invés de uma oração), ainda que se espere um resultado necessário, há um processo semiótico que lhe sustenta.

Assim, fármacos (ou farmacêuticas) não criam *per se* uma cultura sobre a qual não temos qualquer ingerência (devido a seus resultados necessários), como se fôssemos extensões de suas cadeias de carbono: é, ao contrário, a partir de nossas escolhas e nossos usos que se tornam visíveis os efeitos da adoção de uma técnica que emerge de anseios *sociais* – que, sabemos, podem ser estimulados e parecerem ser genuinamente *nossos*.

Ao restringir as oscilações de um corpo a um feixe de humor considerado mais adequado, a adesão (por escolhas individuais ou por acato às coerções sociais) a uma técnica de condicionamento da percepção nega não apenas o movimento do organismo como também tenta convencer o próprio eu do quão coerente ou fixa, é sua identidade. O efeito amplo da busca por intensificar nosso funcionamento pode ser uma cultura material que, por isso, é duplamente rígida.

Acabei de tomar meu Diempax
Meu Valium 10 e outras pílulas mais
Duas horas da manhã recebo nos peito, um Triptanol 25
E vou dormir quase em paz
Check-up, Raul Seixas (1973/1988)

Como as Humanidades foram desenhadas para encontrar regularidades na liberdade, mas não para sugerir metodologias de necessidade (Leone, 2017), esse efeito sugerido não é um diagnóstico necessário ao qual a cultura está condenada. Trata-se, antes, de uma análise de potencialidades percebidas a partir dos rastros disponíveis. Deles recolhemos o combustível que alimenta a luz que lhes é jogada de volta: iluminados, eles podem ser percebidos em conjunto e uma constelação *aparece*. Assim, um fenômeno se

torna visível e pode ser localizado ao longo do tempo e do espaço, com mais ou menos intensidade, com suas nuances e com suas diferenças.

Nada de preferência teórico-metodológica, superação de paradigma ou refutação, mas apenas uma diferença na ênfase desejada em torno de uma mesma problematização. Materialismo semiótico ou semiótica materialista: e por acaso essa é a briga que importa?

Referências

AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

DAMÁSIO, A. **Sentir & saber**: as origens da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. 2. ed. Porto: Rés, 2001.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

ECO, U. **A estrutura ausente**: Introdução à pesquisa semiológica. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ECO, U. **Kant e o ornitorrinco**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HØEG, M. L. Literary Neuroexistentialism: Coming to terms with materialism and finding meaning in the age of neuroscience through literature. **Neuroethics**, v. 17, n. 29, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12152-024-09561-6>. Acesso em: 22 jun. 2025.

LEONE, M. Help! Is there a semiotician on the plane? **The American Journal of Semiotics**, Chicago, v. 33, 2017, p. 113-130. Disponível em: <https://doi.org/10.5840/ajs201722324>. Acesso em 22 jun. 2025.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)**. São Paulo: Cultrix, 2014.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. 3. ed. São Paulo: Editora Escala, 2011.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PRECIADO, P. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. São Paulo: Zahar, 2023.

SACKS, O. **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SEGABINAZZI, T. Autoritarismo rizomático e desejo coletivo. **Livro de resumos**: IX Jornada de Semiótica e Culturas da Comunicação, 2025a. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gpesc/wp-content/uploads/2025/05/IX-Jornada-de-Semiótica-e-Culturas-da-Comunicação-2025-Caderno-de-Resumos.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SEGABINAZZI, T. Clima de revolta: o signo e a tradução de humores. **No prelo**: 2025b.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil**: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.